



## LITERATURA E FANTOCHES NOS ANOS INICIAIS: AMPLIANDO AS LINGUAGENS, PROMOVENDO A ESCRITA E A INCLUSÃO

FREITAS, A.<sup>1</sup>  
GODOY, R. M.<sup>2</sup>  
SCHMITZ, D. M. N.<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta a experiência realizada no curso de Pedagogia da Univali, campus Biguaçu, durante o Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica, realizado na turma do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública no município de Antônio Carlos. O objetivo do artigo é compreender como se constituem os saberes da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por meio de uma prática inclusiva e coerente com as especificidades da faixa etária das crianças que ingressam nessa etapa da Educação Básica. Por meio de uma sequência didática as crianças foram desafiadas a promover a inclusão de uma fantoche com deficiência física a qual permaneceu na cadeira de rodas e frequentou todos os espaços que as crianças do 1º ano frequentam. O plano de ação foi desenvolvido durante o Estágio Supervisionado, tendo como etapas o período da observação, da ação pedagógica e da docência. Coerente com a abordagem da pesquisa qualitativa, os dados foram coletados por meio de protocolos de observação, diário de campo, registros escritos e fotográficos. Os resultados indicam que o brincar para as crianças de seis anos também é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, bem como é importante abordarmos a temática da inclusão por meio da sensibilização e ludicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estágio Supervisionado. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Literatura Infantil. Inclusão. Ludicidade.

**ABSTRACT:** The article presents the experience of the Univali Pedagogy course, Biguaçu campus, during the Supervised Internship: Pedagogical Practice Research, carried out in the first year of the Initial Years of Elementary School in a public school in the municipality of Antônio Carlos. The objective of this article is to understand how the knowledge of teaching in the Initial Years of Elementary School is constituted through an inclusive practice that is consistent with the specifics of the age range of children entering this stage of Basic Education. Through a didactic sequence the children were challenged to promote the inclusion of a puppet with physical disability who remained in the wheelchair and attended all the spaces that the children of the 1st grade attend. The plan of action was developed during the Supervised Internship, taking as phases the period of observation, pedagogical action and teaching. Consistent with the qualitative research approach, the data were collected through observation protocols, field diary, written and photographic records.

<sup>1</sup> Pedagoga e Mestre em Educação, professora da Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú e do Núcleo das Licenciaturas da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

<sup>2</sup> Pedagoga, Mestre em Psicologia, professora do Núcleo das Licenciaturas da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da UNIVALI, bolsista do Curso de Extensão de Formação de Leitores Proler – Leitura à flor da pele – UNIVALI.



The results indicate that playing for six-year-olds is also fundamental in the teaching and learning process, and it is important to approach the theme of inclusion through awareness and playfulness.

**KEY WORDS:** Supervised Internship. Early Years of Elementary Education. Children's literature. Inclusion. Playfulness.

## 1. Introdução

Este artigo aborda a discussão acerca da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica, no Curso de Pedagogia da Univali, Campus Biguaçu. O estágio foi realizado em uma escola estadual no município de Antônio Carlos/SC. O foco do trabalho foram crianças de 6 e 7 anos do 1º ano do Ensino Fundamental.

Ao nos colocar em contato com a realidade das instituições de ensino durante nossa formação, o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais, que é obrigatório no Curso de Pedagogia da Univali, oportuniza a análise do contexto desta etapa da Educação Básica, a relação da teoria com a prática e compreendê-las como indissociáveis, visto que o estágio não se dá sem teoria que o fundamente, conseqüentemente, é uma atividade teórica. Deste modo,

[...] o estágio [...] ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. (PIMENTA e LIMA, 2005/2006, p. 14).

Tudo isso possibilita compreender a organização curricular e o processo de ensino e aprendizagem nas instituições educativas, bem como relatar a práxis pedagógica sobre observações e intervenções realizadas em cinquenta horas de Estágio Supervisionado, visando o desenvolvimento da prática pedagógica e aplicar os conhecimentos adquiridos no curso.



Para realizar o estágio, abordamos a temática da inclusão<sup>4</sup> por meio da sensibilização e da ludicidade e propomos a sequência didática “Literatura e fantoches nos Anos Iniciais: ampliando as linguagens, promovendo a escrita e a inclusão” às crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, de modo que elas pudessem promover a inclusão de uma fantoche com deficiência<sup>5</sup> física. A fantoche em questão chama-se Jade e, visando ampliar a discussão acerca da inclusão, ela frequentou a casa de quatro famílias durante o estágio, propiciando, assim, maiores vivências para ambas.

Para Lira e Turnes (2012, p. 33), “[...] é dentro do paradigma da inclusão social e dos direitos humanos que devemos inserir e tratar a questão da deficiência.” Ainda segundo as autoras supracitadas, “[...] podemos afirmar, então, que toda a relação que a criança tem é crucial para seu desenvolvimento integral e isso inclui a expectativa que o outro tem em relação à deficiência [...]” (LIRA; TURNES, 2012, p. 33).

Considerando a faixa etária das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 6 a 7 anos, em que elas buscam o conhecimento por meio do brincar, Freitas, Machado e Hoepers (2013, p. 28) afirmam que “[...] O brincar é inerente à criança e, por isso, deve ser considerado também na escola formal.” No entanto,

[...] a oportunidade que as crianças têm de expressarem seus sentimentos, pensamentos e ações por meio do brincar só serão possíveis em um ambiente e espaço que facilitem essa livre expressão. E torna-se tarefa intransferível do adulto a responsabilidade de proporcionar condições para que o brincar aconteça de forma produtiva.” (SILVA, 2013, p. 96).

---

<sup>4</sup> “A inclusão social e educacional é um processo que se concretiza, no Brasil, por meio de uma política de educação inclusiva cujos pressupostos filosóficos compreendem a construção de uma escola aberta para todos(as), que respeita e valoriza a diversidade”. (SIAULYS, 2006, p. 5).

<sup>5</sup> Consta no Decreto nº 3.298 de 1999 da legislação brasileira, que o conceito de deficiência e deficiência física são os seguintes:

”Art. 3º: - Para os efeitos deste Decreto, considera-se:

I – Deficiência – toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano;

Art. 4º: - Deficiência Física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho das funções”. (BRASIL, 1999 *apud* LIRA; TURNES, 2012, p. 39).



Nesse sentido, o estágio teve o propósito de compreender como se constituem os saberes da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por meio de uma prática inclusiva e coerente com as especificidades da faixa etária das crianças que ingressam nessa etapa da Educação Básica.

Desse modo, ao compreendermos a importância de o professor do 1º ano ter clareza que essas crianças precisam de atividades lúdicas, mesmo estando no Ensino Fundamental, ao elaborar o plano de ação objetivamos desenvolver estratégias criativas e diferenciadas para abordar a temática da inclusão<sup>6</sup> por meio da sensibilização e da ludicidade; propiciar o reconhecimento da função social da escrita em diferentes contextos; possibilitar o contato com obras literárias relacionadas ao universo infantil; propiciar momentos de interação e aprendizagem por meio de jogos e contações de histórias; ampliar o conhecimento de mundo através da exploração de diferentes materiais e objetos.

Para isso, o estágio foi desenvolvido em três etapas a partir da realidade da instituição concedente de campo de estágio: a observação, a ação pedagógica e a docência.

Por meio da observação participante coletamos dados utilizando protocolos de observação, com o intuito de conhecermos a organização do espaço físico e do ambiente de aprendizagem, bem como a organização dos conteúdos e as relações interpessoais na turma do 1º ano. Também apresentamos a Jade para as crianças e as consultamos sobre promoverem a inclusão da fantoche. Visando possibilitar o contato das crianças do 1º ano com outras linguagens e a interação com crianças de outros anos, convidamos as crianças do 3º ano para apresentarem um teatro de fantoches às crianças do 1º. E de acordo com os dados levantados e com a receptividade das crianças, elaboramos o plano de ação para subsidiar a etapa do

---

<sup>6</sup> “A educação inclusiva deve ser uma política do Ministério da Educação, pois implica uma transformação da educação como um todo. Significa a expansão e melhoria da qualidade da educação infantil para garantir a inclusão desde os primeiros anos de vida; significa flexibilidade e diversificação da oferta de programas educacionais para que os alunos possam concluir a educação básica em qualquer momento da vida; significa um currículo amplo e flexível que possa diversificar e adaptar às diferenças sociais, culturais e individuais; significa a disponibilidade de recursos e apoio para todos aqueles que requeiram; significa formação docente com conhecimentos básicos teórico-práticos em relação à atenção à diversidade; enfim, significa a oferta de igualdade de oportunidades e condições básicas de funcionamento de todas as escolas em termos de recursos humanos, materiais e didáticos”. (LIRA; TURNES, 2012, p. 3).



estágio denominada docência nos Anos Iniciais e preparamos o material necessário para a intervenção.

Norteadas pela temática, as crianças foram desafiadas a promover a inclusão da fantoche Jade com deficiência física, de modo que esta permanecesse na cadeira de rodas e frequentasse todos os espaços que a turma frequenta e realizasse todas as atividades propostas à turma. Assim,

[...] somente em uma sociedade mais inclusiva, que reconhece a diversidade humana e as necessidades específicas dos vários segmentos sociais, incluindo as pessoas com deficiência, é capaz de promover ajustes e correções que assegurem seu desenvolvimento pessoal e social, oferecendo-lhes as mesmas oportunidades que oferece às demais pessoas. (LIRA, TURNES, 2012, p. 33).

Nesse sentido, contamos com a parceria de algumas famílias para acolherem a Jade em casa e promoverem a inclusão dela na sociedade.

Essa atividade de pesquisa, portanto, foi desenvolvida de acordo com a abordagem qualitativa, pois segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 11-13):

[...] problemas são estudados nos ambientes em que eles ocorrem naturalmente [...]. A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. [...] O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições [...]. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. [...] Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações [...]. O desenvolvimento do estudo aproxima-se a um funil: no início há questões ou focos de interesse muito amplos, que no final se tornam mais diretos e específicos. O pesquisador vai precisando melhor esses focos à medida que o estudos se desenvolve.

Coerente com a abordagem da pesquisa qualitativa, os dados apresentados e analisados nesse artigo foram coletados por meio de protocolos de observação, observação participante, registros escritos e fotográficos.

Na sequência são apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, suas análises, fundamentação teórica e as considerações finais.

## **2. Docência nos Anos Iniciais: desafio para lidar com a inclusão, a ludicidade e a literatura infantil**

Tendo consciência da educação como ato político e visando promover a autonomia das crianças e a inclusão por meio da sensibilização e ludicidade, a partir



da sequência didática “Literatura e fantoches nos Anos Iniciais: ampliando as linguagens, promovendo a escrita e a inclusão”, apresentamos às crianças uma fantoche em cadeira de rodas e as consultamos sobre a possibilidade de promoverem a inclusão da fantoche que se chama Jade e foi criada durante a 9ª edição do Curso de Extensão de Formação de Leitores, PROLER – Leitura à flor da pele – UNIVALI, 2015/2.

Considerando-se que a educação é um ato político, Corsino (2007) auxilia nesse entendimento afirmando que:

A educação é simultaneamente um ato político, estético e ético. A política como ação do sujeito na coletividade se efetiva como uma forma e um conteúdo que, por sua vez, são indissociáveis. Separar ética, política e estética é desconhecer como se dá visibilidade ao que e como se propõe à criança e, ainda, ao que o adulto pensa sobre ela e sobre a educação dirigida a ela. O político permeia tudo isso pelas vozes que podem ser ouvidas ou caladas, pela possibilidade de os sujeitos expressarem-se, relacionarem-se, respeitarem-se, sensibilizarem-se e comprometerem-se com o outro e com o seu grupo social, apropriando-se de conhecimentos e inserindo-se nas diferentes esferas culturais. O ensino fundamental para as crianças de seis anos, como um dos primeiros espaços públicos de convivência, é onde tudo isso começa. (CORSINO, 2007, p. 67).

Portanto, cabe ao professor organizar o espaço e promover a ludicidade nos Anos Iniciais. No entanto, precisa planejar atividades pedagógicas lúdicas “[...] que permita a fruição, a decisão, a escolha, as descobertas, as perguntas e as soluções por parte das crianças e dos adolescentes, do contrário, será compreendida apenas como um exercício.” (BORBA, 2007, p. 43).

Nesse sentido, Ferreira e Cavalcante (2012, p. 6), afirmam que

[...] de acordo com os estudos de Jean Piaget (1987), a atividade lúdica é um princípio fundamental para o desenvolvimento das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa. Nesse sentido, pensar a prática pedagógica também associadas às questões do lúdico é considerar que as atividades escolares podem, além de desenvolver o aprendizado dos conhecimentos escolares, também gerar prazer, promover a interação e a simulação da vida em sociedade.

Para promover a inclusão da Jade, as crianças foram desafiadas a possibilitar meios para que a fantoche conseguisse participar de todas as brincadeiras que elas participam, frequentar todos os espaços que elas frequentam e realizar todas as atividades propostas à turma sem ser retirada da cadeira de rodas. Além disso, deveriam levar em conta que a fantoche tem a mesma idade e peso delas. As crianças mostraram-se receptivas, acolheram a fantoche imediatamente, fizeram um





trenzinho e passearam com ela pela sala de aula para dar as boas-vindas à nova colega.

Figura 1: Acolhimento da Jade.



Fonte: Acervo da professora da turma.

A brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É também suporte de sociabilidade. O desejo de brincar com o outro, de estar e fazer coisas com o outro, é a principal razão que leva as crianças a se engajarem em grupo de pares [...]. (BORBA, 2007, p. 41).

Questionadas sobre o porquê da fantoche estar na cadeira de rodas, uma criança respondeu que era porque ela não tem pernas. Então, para uma maior compreensão e sensibilização acerca da deficiência da Jade, providenciamos pernas para ela após as crianças terem aceito o desafio de promover a sua inclusão. Ela também ganhou uniforme para que as crianças a vissem como parte da turma.

Ao ver a Jade com pernas, uma das crianças expressou que, agora, a Jade poderia andar. Novamente conversamos que ela não anda em decorrência de uma complicação ao nascer. Após compreenderem isto e receberem demonstrações de como conduzir e carregar a cadeira de rodas, caso encontrassem alguma barreira arquitetônica, as crianças apresentaram a escola para a Jade.

Para que todos tivessem a oportunidade de promover essa inclusão, a turma foi dividida em equipes. A formação das equipes foi feita em ordem alfabética. Uma equipe antes do recreio e outra após e, nas trocas das equipes, as crianças iriam relatar o que haviam feito.

As crianças demonstraram ficar felizes e confiantes com a proposta da inclusão e na aula de Educação Física, elas e a Jade se divertiram brincando de “pato cinza”. Elas também relataram que a Jade participou direitinho da aula. Sobre



o faz de conta, Silva (2013, p. 97) afirma: “O brincar de faz-de-conta da criança não é puramente imitação. Ela também interpreta o que está ocorrendo a sua volta de forma singular, e como afeta seus pares também é afetada por eles.”

Figura 2: Brincando de pato cinza.



Fonte: Educando da turma.

Como as crianças tinham muito interesse em conhecer o livro *O Bichinho da Maçã*, de Ziraldo, fizemos uma contação de história desta obra. As crianças se envolveram na contação e ficaram fascinadas com as imagens e história do livro.

Para Abramovich (2005, p. 45) “[...] a contação de história é importante para formação da criança, pois representa o início da aprendizagem para ser um leitor, e um caminho de descoberta e compreensão do mundo”.

Em uma entrevista para a revista *Contrapontos* (2006), a escritora Ruth Rocha reafirma a importância da literatura na formação do ser humano, seja pelo aspecto literário, formativo ou estético, ao dizer que:

O livro alarga os horizontes, estimula a imaginação, dá noção da realidade mesmo quando é ficcional porque o bom livro tem seqüência, tem consequência. Tem um desenvolvimento lógico. O bom livro educa artisticamente, educa o caráter, estimula a busca do conhecimento, mas tudo isso pelo que ele tenha de mais artístico. Educar as crianças é cuidar do todo, não só da educação formal, mas também da sensibilidade, da criatividade, da formação do caráter e do gosto pela arte. O livro pode ser educativo sendo literário, mas isso nem sempre é curricular, nem sempre serve diretamente aos currículos. (ROCHA, 2006, p. 302).

Reforçando a importância da literatura na escola, principalmente no início do processo de alfabetização e letramento que a criança cria e recria a partir do imaginário, Nietzel e Oliani (2008, p. 8) afirmam:

A literatura promove, entre outras coisas, o desenvolvimento do pensamento lógico, a capacidade argumentativa, uma vez que, por meio dela o indivíduo desenvolve competências para analisar e comparar,





selecionar e julgar, planejar e organizar, experimentar, produzir, concluir e tantas outras.

Após a contação de história, sugerimos que as crianças usassem a imaginação para produzirem uma história em quadrinhos baseadas na compreensão delas acerca da história lida.

Para melhor entenderem como é uma história em quadrinhos, foi apresentado à cada criança gibis da turma da Mônica para que tivessem um maior contato com este gênero textual, ampliando assim, a compreensão sobre a função social da escrita em diferentes aspectos.

Preocupadas em como a Jade iria desempenhar as atividades propostas, as crianças providenciaram material e cadeira para que, desse modo, ela pudesse produzir sua história em quadrinhos.

Figura 3: Disponibilizando materiais.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

[...] o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. (VIGOTSKI, 1989, p. 134).

O termo “brinquedo, empregado por Vygotsky num sentido amplo, se refere principalmente à atividade, ao ato de brincar [...], dedica-se mais especialmente ao jogo de papéis ou à brincadeira de faz-de-conta” (REGO, 2013, p. 80).

Nesse sentido, “[...] o faz-de-conta é ferramenta para a criação da fantasia, abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados e sentidos [...]”. (OLIVEIRA, 2002 *apud* SILVA, 2013, p. 99).

Este aspecto foi bastante explorado, pois as crianças a partir do que foi proposto, incluíram a Jade nas situações vivenciadas.



Para Silva (2013) “[...] na brincadeira de faz-de-conta, é possível dizer também que a criança constrói novas possibilidades de ação e formas inéditas de arranjar os elementos do ambiente.” (SILVA, 2013, p. 99).

Durante o recreio as crianças também promoveram a inclusão da Jade e divertiram-se juntas ao passearem pelo parque, ao pularem amarelinha, brincarem no escorregador, sempre atentas em saber se ela também está se divertindo e se está cansada. E como elas não param um só minuto, em um dos recreios, ao “perceberem” que a Jade estava “ficando cansada”, uma das crianças sugeriu: “Ah, vamos sentar um pouquinho. A Jade já está cansada de tanto zanzar pelo parque”. Concordando com o “cansaço” da fantoche, as crianças sentaram para descansar e conversar com a Jade antes de retornarem para a sala.

Figura 4: Brincando de amarelinha. Figura 5: Descansando no parque.



Fonte: Arquivo pessoal.

Segundo Borba (2007, p. 41),

[...] no brincar as crianças vão se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras.

Com o intuito de promover a construção da identidade pela palavra<sup>7</sup>, ampliar o contato com diferentes linguagens e a apreciação estética, promovemos a

<sup>7</sup> Todas as leituras que fazemos são cruciais para a formação de nossa identidade, daí a importância do olhar sensível do educador para conhecer seu aluno e considerar a leitura de mundo que a criança traz para a escola pois “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p. 9). Desse modo, poderá promover práticas contextualizadas que promova a inclusão, a sensibilidade e a criticidade contribuindo, assim, para a cidadania e a formação plena do ser.



apresentação de um teatro de fantoches em parceria com a professora e as crianças do 3º ano. Para isso, elas foram apresentadas a outros fantoches e à história “A verdadeira amizade” que narra a história da Jade, criada pela acadêmica na 9ª edição do Curso de Extensão de Formação de Leitores PROLER – Leitura à flor da pele, da Univali, 2015/2. Ensaíamos com as crianças do 3º ano para apresentarmos o teatro às crianças do 1º ano.

Sobre a construção da identidade pela leitura da palavra, Freitas, Cardoso, Ribeiro (2006, p. 32) afirmam que:

Segundo Paulo Freire, existem alguns valores que são universais e que devem ser discutidos e analisados no processo de alfabetização, no processo de ler o mundo e de entender sua realidade. O sujeito construtor do mundo deve ser conduzido a refletir sempre sobre valores como solidariedade, responsabilidade social e justiça. É por meio da reflexão sobre estes valores que o indivíduo poderá analisar a si mesmo e à realidade na qual se insere e, conseqüentemente, poderá analisar e construir sua própria identidade.

Da mesma forma, são importantes as práticas pedagógicas que promovam a inclusão por meio da sensibilização e da ludicidade. Santin (1997 *apud* CARDOSO; LONGO, 2014, p. 5) defende que “A sensibilidade deve ocupar um lugar mais significativo na vida individual e em toda a ordem cultural”. Portanto,

[...] promover o alargamento da percepção do sujeito, por meio da experimentação da arte e cultura em suas diferentes linguagens é uma forma de mediar e provocar uma concepção de leitura que inclui a noção de prática social, de cidadania, de um olhar para o sensível, o estético, permitindo ao ser humano recriar o mundo numa perspectiva mais humanística. (CARDOSO; LONGO, 2014, p. 5)

Conforme os estudos realizados sobre o uso de outros espaços na escola além da sala de aula, resolvemos utilizar com o 1º e o 3º ano o cantinho da leitura da biblioteca, o qual possibilita a realização de teatros. Sobre a ocupação de diferentes espaços da escola nas atividades com as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Freitas, Machado e Hoepers (2013, p. 75) orientam que “[...] o pátio, a biblioteca, o refeitório, o laboratório de informática, espaços para atividades físicas, horário do recreio, além da sala de aula são possibilidades de intervenção que devem ser ricamente aproveitadas.”

Ainda sobre a organização do espaço e do tempo, também cabe destacar que:



Qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinado. Assim acontece com o ensinar e o aprender, com a educação. Resulta disso que a educação possui uma dimensão espacial e que, também, o espaço seja, junto com o tempo, um elemento básico, constitutivo, da atividade educativa. (FRAGO; ESCOLANO, 2001 *apud* FREITAS; MACHADO; HOEPERS, 2013, p. 74).

Com a apresentação do teatro de fantoches, as crianças do 1º ano puderam conhecer a “família” e as “amigas” da Jade. Foi um momento muito apreciado por todos e de grande encantamento, especialmente das crianças do 1º ano que ainda não conheciam toda a história da Jade.

O trabalho com as linguagens nos anos iniciais tem como finalidade dar oportunidades às crianças de apreciarem diferentes produções artísticas e, também, de elaborarem suas experiências pelo fazer artístico, ampliando a sensibilidade e a vivência estética. (CORSINO, 2007, p. 46).

É imprescindível considerarmos que as crianças utilizam múltiplas linguagens para se expressarem e, portanto, cabe ao professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental aproveitar essa característica e oportunizar o contato das crianças com múltiplas linguagens de modo a promover a formação plena desse ser, sensibilizando-o a assistir a uma peça de teatro, a apreciar uma escultura, a participar e a experienciar diferentes manifestações artísticas.

### **3. Acessibilidade e inclusão em diferentes espaços**

Visando propiciar maiores vivências para a Jade e para as crianças, consultamos algumas famílias sobre a possibilidade de elas acolherem a Jade em casa, de modo que as crianças pudessem promover a inclusão da fantoche na família e na comunidade. De acordo com a disponibilidade das famílias, montamos o calendário das visitas e comunicamos às crianças quais famílias a Jade iria visitar. As crianças demonstraram ficar felizes com a novidade e todas atenderam prontamente essa proposta de inclusão. Conforme a carga horária da intervenção foi possível programar três visitas, sendo que uma quarta foi realizada logo após o término da etapa da docência no estágio devido ao pedido especial de uma criança que tem um tio com deficiência.



Para Lira e Turnes (2012, p. 77), “[...] a inclusão deve ser um projeto de toda a comunidade educacional e deve ser um trabalho colaborativo entre os gestores, professores, pais, especialistas e alunos.”

[...] uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para educar a cada aluno, independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Em uma escola inclusiva, o aluno é o foco de toda a ação educativa. (LIRA; TURNES, 2012, p.78).

Para isso, elas se responsabilizariam em cuidar da Jade e dos pertences dela, no caso, o caderno que a acompanha para os registros, a sacola, a boneca e o livro preferido da Jade, *Reinações de Narizinho*, da coleção *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Além disso, também foram orientadas a terem um olhar atento sobre a acessibilidade das pessoas com deficiência física em diferentes espaços da sociedade e na própria casa e, ao mesmo tempo, promover a inclusão e a acessibilidade da fantoche sem retirá-la da cadeira, exceto na hora de dormir.

Importante destacar, conforme Corrêa (2010, p. 17), que “A acessibilidade é definida pelo Decreto 5.296, de 2 de dezembro de 2004, como”

[...] condição para a utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2004 a, p. 45-45, *apud* CORRÊA, 2010, p. 17).

Nesta perspectiva, nos reportamos aqui a ilustrar as atividades da vida cotidiana das famílias na relação com a Jade. As famílias promoveram a inclusão da Jade e propiciaram experiências significativas para ela e para as crianças. Para isso, levaram-na para conhecer os avós, tios, primas e madrinhas das crianças, promoveram passeio de carro, ida ao supermercado para a Jade “comprar guloseimas”, possibilitaram meios para a Jade brincar na rua e passear de carretão, jogaram bola e fizeram piquenique.





Figura 6: Interações Jade com as famílias das crianças.



Fonte: Famílias das crianças.

Uma das crianças ficou sensibilizada ao andar de ônibus com a Jade e relatou no caderno de registros que: “Fomos de ônibus para minha casa, e vi que no ônibus não é o lugar “certo” para cadeirantes.” Esta foi a única criança que relatou algo sobre mobilidade urbana, e conseqüentemente, sobre a dificuldade de acesso enfrentada pelas pessoas com deficiência física nos transportes públicos, mesmo em um meio de transporte escolar.

Dessa forma, evidenciou-se ainda mais que a parceria da escola e da família é fundamental para a concretização da inclusão. No entanto, sabemos que não é somente tarefa da família e do professor promover a inclusão, pois conforme Lira e Turnes (2012, p. 79)

[...]construir uma escola inclusiva não é tarefa somente do professor ou só da escola, mas de um conjunto de pessoas e órgãos que, juntos, devem se responsabilizar e se articular para garantir acesso, permanência e continuidade no processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos.

Enfim, a visita da Jade chamou a atenção das crianças e das famílias para a inclusão das pessoas com deficiência física, pois embora saibamos que há várias barreiras arquitetônicas, de mobilidade urbana ou comunicacional em nossa sociedade, muitas vezes nós só percebemos a dimensão disso quando as sentimos na pele. Entretanto, as crianças não focaram nas barreiras, mas nas potencialidades das pessoas e, para elas, a Jade podia fazer tudo e embora em duas das casas visitadas houvesse escadas, não foi relatada dificuldade de acesso por parte da Jade.



Além disso, a visita da Jade favoreceu ainda mais as práticas de leitura das famílias que leram para os(as) filhos(as) e para a Jade algumas histórias do livro *As Reinações de Narizinho*. Este é o livro “preferido” da Jade e despertou o interesse das crianças em conhecê-lo.

#### **4. Considerações finais**

O período do Estágio Supervisionado proporcionou uma maior compreensão acerca do planejamento, replanejamento e da ação-reflexão-ação constante da prática pedagógica. Da mesma forma, faz-se necessário um plano de ação flexível para ser reajustado conforme a necessidade da escola e da turma de acordo com o tempo disponível porque, nem sempre, será possível colocar em prática tudo que foi planejado. Para isso, o pedagogo precisa educar seu olhar, precisa conhecer as crianças com as quais trabalha para conseguir identificar, dentre as estratégias de ensino que planejou, quais serão mais desafiadoras e produtivas para as crianças realizarem naquele momento.

Além de buscar desenvolver atividades contextualizadas, de promover o protagonismo das crianças, deve-se considerar a grande diversidade que há na instituição de ensino e atentar, com cuidado, para os diferentes ritmos de aprendizagem, porque uma das responsabilidades do educador é promover a aprendizagem de todos.

O estágio nos Anos Iniciais também evidenciou ainda mais a importância do brincar para as crianças de seis anos, pois mesmo que estejam no Ensino Fundamental, elas continuam sendo crianças e, como tal, o brincar é uma das características inerentes de sua faixa etária e deve ser privilegiado no espaço escolar, de modo que seja um ponto essencial para inserir a criança no processo de alfabetização, devendo fazer parte do plano de ação.

O professor dos Anos Iniciais é o responsável pela organização do ambiente de aprendizagem. Sendo assim, cabe a ele, criar um ambiente acolhedor, alfabetizador, em que a criança perceba a linguagem escrita na sua função social, de forma contextualizada. Da mesma forma, cabe a ele desenvolver atividades lúdicas e que tenha a criança como foco do processo de ensino e aprendizagem, bem como, deve superar práticas de ensino autoritárias e atuar como desafiador. A



ele compete proporcionar o contato com as múltiplas linguagens e promover a sensibilidade e a estética.

Dessa forma, o contato com a literatura é crucial para o desenvolvimento cognitivo, social, reflexivo, crítico e estético da criança e, para isso, deve ser uma prática diária. Isto é fator marcante na turma em que fizemos a intervenção, pois a leitura de textos literários faz parte da rotina das crianças logo após o recreio. Nesse sentido, a Jade aguçou ainda mais o gosto das crianças pela leitura, pois ao saberem que a Jade é “apaixonada” por livros e que ao ler ou ouvir histórias suas pernas “ganham vida”, as crianças sentiram-se desafiadas a contarem e lerem histórias para a Jade, bem como buscaram conhecer as obras de Monteiro Lobato, autor “preferido” da Jade. Portanto, é responsabilidade do professor proporcionar práticas de leituras que promovam a interação e o protagonismo das crianças e, também, a participação delas na escolha do livro e do gênero textual a ser lido na “Hora do Conto”.

Ainda convém lembrar que cabe ao professor dos Anos Iniciais descobrir como as crianças percebem a acessibilidade dentro e fora do ambiente educacional. Levando-se em conta esse aspecto, o estudo evidenciou que, para as crianças, não havia barreiras que a Jade não pudesse superar, pois elas focaram nas potencialidades de uma criança com deficiência física e não em suas limitações, mesmo que na escola e em suas casas houvesse algumas barreiras arquitetônicas.

Dado o exposto, a situação de faz de conta que experienciamos no estágio nos levou a refletir sobre como atuaríamos se vivenciássemos essa situação real e se efetivamente conseguiríamos desenvolver na criança um senso de pertencer à escola e à comunidade visto que, para uma escola ser inclusiva, não basta eliminarmos as barreiras arquitetônicas e termos a comunidade escolar capacitada para promover a inclusão se a criança não se sentir como parte desse ambiente.

O estágio também nos leva a uma reflexão sobre a prática pedagógica, sobre a relação estabelecida com as crianças, sobre a seleção das estratégias de ensino planejadas ou executadas, se elas realmente promoveram a inclusão e aprendizagem de todos, sobre a intervenção feita, enfim, leva a uma autoavaliação e fornece elementos para os ajustes necessários para promovermos a aprendizagem de todos de forma individualizada porque, mesmo que estejam na mesma faixa etária, as crianças têm tempo diferente de aprendizagem, têm suas particularidades



e nem todas aprenderão da mesma forma e ao mesmo tempo e com as mesmas estratégias.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo. Scipione; 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **A investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORBA, Ângela Meyer. O Brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

CARDOSO, Ana Cristina Bornhausen; FREITAS, Adriana J. Ribeiro; RIBEIRO, Raquel Freitas Sampaio. **Construção da identidade pela leitura da palavra**. 2006. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume\\_5/construcao\\_da\\_identidade\\_pela\\_leitura\\_da\\_palavra.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_5/construcao_da_identidade_pela_leitura_da_palavra.pdf)>. Acesso em: outubro 2016.

CARDOSO, Ana Cristina Bornhausen; LONGO, Isaura Maria. **PROLER UNIVALI: um olhar plural sobre a leitura**. Congresso Ibero – Americano de Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação, Buenos Aires – Argentina, 2014. PDF. Disponível em: <<http://www.oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/1111.pdf>>. Acesso em 01 de out. de 2016.

CORRÊA, Priscila Moreira. **Elaboração de um protocolo para avaliação de acessibilidade física em escolas da educação infantil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, UNESP. Campus de Marília. Marília, 2010.

CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

CORSINO, Patrícia. Políticas e práticas escolares. In: BRASIL/MEC. **Salto para o Futuro: Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: TV Escola, 2009.

ENTREVISTA COM RUTH ROCHA. **Contrapontos**. Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí. vol 6, n. 2, maio/ago; 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.



FREITAS, Adriana de; MACHADO, Cila Alves dos Santos; HOEPERS, Idorlene da Silva. **Estudos temáticos**: anos iniciais. Itajaí; Biguaçu: Universidade do Vale do Itajaí, 2013.

FERREIRA, Andrea Tereza Brito; CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro. O lúdico na sala de aula. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: vamos brincar de construir as nossas e outras histórias. Ano 02, unidade 04. Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em:  
<[http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano\\_2\\_Unidade\\_4\\_MIOLO.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_2_Unidade_4_MIOLO.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2017.

LIRA, Miriam Cristina Frey de; Maria Aparecida Hahn TURNES. **Educação Inclusiva**: curso de Pedagogia. Itajaí; Biguaçu: Universidade do Vale do Itajaí, 2012.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poiesis**, vol. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005/2006.

NIETZEL, Adair de Aguiar; OLIANI, Rita de Cássia. **Literatura como fenômeno estético**. Eixo: Educação e Arte/n.16. Agência Financiadora: Artigo 170/UNIVALI. 2008.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SIAULYS, Mara O. de Campos. **Brincar para todos**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brincartodos.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

SILVA, Sandra Cristina Vanzunita da. **Jogos e brincadeiras na infância**: curso de Pedagogia. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí; Biguaçu: UNIVALI Virtual, 2013.

SOUSA, Maurício de. **Gibi Turma da Mônica**: Cebolinha. nº 231. São Paulo: Editora Globo.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores Michael Cole [et al.]. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZIRALDO. **O bichinho da maçã**. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2011.